22.

Espaço e tempo para ser de outras maneiras

Eliana Otta

A primeira vez em que ouvi falar sobre o CAPACETE foi por meio de amigos artistas limenhos. Eu havia acabado de sair da universidade, por volta de 2005, não sabia o que eram residências artísticas e desconhecia o que ocorria com a arte contemporânea na região. Como a maioria dos meus colegas, eu havia sido formada olhando para os países mais distantes no globo terrestre e ignorando os países vizinhos. Adquirir consciência dessa deformação fez com que, nos anos seguintes, eu evitasse que minha bússola assumisse esse Norte como norte e, pouco a pouco, o CAPACETE começou a aparecer como uma das iniciativas que construíam pontes entre as realidades latino-americanas desconexas.



Recordo claramente um jantar no espaço La Culpable, em Lima (2002–2008), que havíamos organizado para receber um grupo de amigos artistas que regressavam da residência no Rio de Janeiro. Ao ser perguntada sobre como havia sido, Gilda enfatizou repetidamente que a estadia fora "muito produtiva", enquanto nos sorria com um olhar cúmplice. Eu fui a primeira a adivinhar, emocionada, o sentido dessa frase que nada tinha a ver com criação ou exibição de sua obra artística. Agora que seu filho tem nove anos, acontece o retorno a participar do CAPACETE 2017, desta vez realizado em Atenas.

Como entender a ideia de produtividade em arte? Ao viver até o fim a experiência proposta pelo CAPACETE, me surpreendeu escutar que esta era entendida como um "tempo doado". É claro que esse tempo doado está sujeito às condições materiais: se os artistas podem se dedicar plenamente a "não fazer nada"; se têm que trabalhar ou se endividar para sustentar esse não-fazer; se provêm de países que podem financiar parcial ou plenamente esse tempo; e se tais financiamentos estão sujeitos a devoluções que traiam esse ideal de tempo improdutivo (uma mostra, uma fala, uma publicação).



Fazer o possível para doar um tempo alheio aos ritmos cotidianos de produção e circulação é, pois, uma proposição atrevida e um imenso luxo atualmente. Estarmos conscientes de que podemos estar sendo beneficiados com esse privilégio implica uma responsabilidade que nos exige lutar contra a paralisia. Como nos posicionarmos plenamente no não-fazer? E como assumir que os deslocamentos de um lugar a outro exigem de nós uma relação nova com nossos sentidos? Como aprender a escutar e a olhar diferentemente quando mudamos de cidade? Como sabermos quando é pertinente dizer e agregar uma frase ou um objeto a um novo entorno?



O CAPACETE vem há anos nos desafiando a não dar como certo nosso direito de intervir e de adicionar significados a realidades já por si mesmas bastante carregadas de camadas de informação. Enquanto a arte contemporânea demanda de nós um ritmo de criação constante e as dinâmicas atuais de comunicação exigem que nós opinemos e nos expressemos, o CAPACETE nos convida a dar um passo para o lado ou para trás, a olhar com distanciamento, a ouvir em silêncio, a processar enquanto nos comprometemos com tempos que não nos são familiares.

O convite é complexo e difícil de compreender. Quando se vem de contextos onde demandam que se assuma muitos papéis e se ative paralelamente espaços diferentes, o convite a não fazer nada pode assustar e causar bloqueios. Estar em um contexto estranho e não nos apresentarmos por meio do fazer imediato desconcerta e nos faz atentar contra nossa identidade de artistas, contra uma profissionalização que exige que se some continuamente produtos concretos e quantificáveis.

Apresentar-nos por meio da convivência demanda outras atitudes, não menos complexas ou problemáticas. Conhecermos a nós mesmos a partir de compartilhar a casa, percorrer ruas desconhecidas, comer e beber juntos, nos mostra uns e outros de outras maneiras. À luz da micropolítica cotidiana, nossos projetos adquirem outras texturas e podem ser explicados ou desafiados por nossas contradições íntimas, quase sempre mais eloquentes que qualquer declaração cuidadosamente elaborada.

O CAPACETE se oferece então como um espaço para viver plenamente vínculos com pessoas e lugares que não nos oferecem uma resposta imediata a nossas perguntas e expectativas. Uma oportunidade para travar relações a partir do desconhecimento e da abertura, deixando descansar as ferramentas que normalmente mediam nossa percepção e borrando as fronteiras dos tipos de criadores que normalmente somos. Uma vez que somos encorajados a não produzir, os resultados desse tempo compartilhado são de difícil apreensão, provavelmente porque os mais importantes dentre eles se encontrem no nível dos afetos.



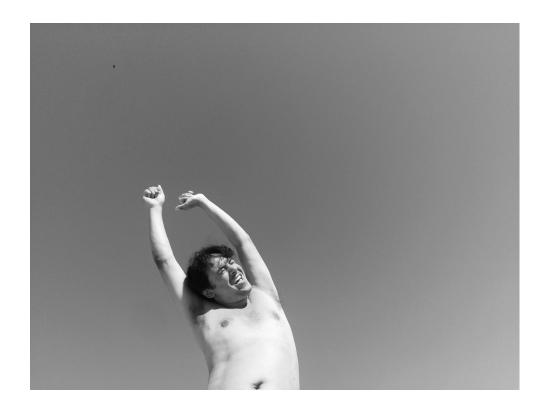
Depois de terminar um ano em que as coisas não fizeram mais do que começar, pensando nos novos e profundos vínculos que agora me atravessam, entendo o CAPACETE como um espaço dedicado às curadorias afetivas.

Nesse sentido, a porta está aberta para todo tipo de emoção e incompreensão. Muitas delas se manifestam explosivamente sob a forma de danças, mal-entendidos, paixões desenfreadas, ataques de riso ou colaborações inspiradas entre aqueles que se dão bem de imediato. Muitas outras ficarão emaranhadas, somando-se a antigas confusões que ainda não sabemos como discutir ou trabalhar. As tensões entre nossas maneiras de lidar com o coletivo e o individual, com o local e o global, ou com a precariedade e o privilégio também encontram nestas experiências ocasião para vir à tona e serem pensadas. Ainda que talvez não contemos com as linguagens de que necessitaríamos para abordálas coletivamente, as tarefas pendentes se mostram urgentes e nos acompanham quando regressamos a nossos lugares de origem.



O CAPACETE tem a intenção de devolver a arte aos tempos da vida: prolongados, abruptos, mortos, imprevisíveis. Ele nos desconcentra ao fazer com que nos ocupemos com as conversas depois do jantar; ao duvidar do nosso saber-fazer; ao nos fazer mudar de casa, de país, de profissão; ao abrir brechas para que concebamos um filho ou imaginemos como refazer tudo graças ao ímpeto das novas amizades.

A variedade de encontros e desencontros provocados pode ser tanto desestabilizante como mobilizadora. Assim, evidencia-se que um projeto condenado a doar tempo e sustentado por sua capacidade de criar vínculos é, finalmente, um projeto que demanda uma sincera e generosa disposição para a transformação.



Todas as imagens são da autora.